

O Vocabulário da pandemia do novo coronavírus e o ressoar de sentidos pandêmicos em tempos sem pandemia

Heitor Pereira de Lima*

Maria Cleci Venturini**

Resumo

Neste artigo, a partir do movimento entre a Análise de Discurso e a História das Ideias Linguísticas, objetivamos pensar no modo como no “depois da pandemia” (Dias, 2021) ressoam sentidos pandêmicos. Ou seja, partindo do *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus* nos importa compreender os sentidos que seguem ressoando e instaurando efeitos em nossas práticas, em nossas tomadas de posição-sujeito, constituindo-se como o “resto” – lacuna, vazio de explicação (Gagnebin, 2008) necessário à compreensão do indizível pela linguagem. Orlandi (2009, p. 9) nos ensina que “aquilo que se diz, uma vez dito, vira coisa no mundo: ganha espessura, faz história”. Nessa orientação, assumimos o verbete “felicidade” para refletir sobre a palavra “felicidade”, enquanto esse dito que vira coisa no mundo e em tempos pandêmicos ganham outros contornos, mobilizam outros sentidos, mas só no pós-pandemia, ressoam sentidos pandêmicos pelo que fica como “resto” constitutivo da língua na história, significado no/pelo discurso e marcado na/pela palavra.

Palavras-chave: Vocabulário; pandemia; sentidos; ressoar de sentidos; discurso.

* Doutorando e Mestre em Letras (Linguística e Língua Portuguesa) pelo Programa de Pós-graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Estudos Palavra, Língua, Discurso (PALLIND), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). <https://orcid.org/0000-0002-3247-4847>.

**Doutorado em Letras pela UFSM (2008) e pós-doutorado na Universidade de Coimbra (2017). Docente da UNICENTRO e dos PPGs em Letras da UNICENTRO e da UFPR. Coordena a área de Linguística, Letras e Artes (Fundação Araucária/ PR). É coordenadora do GT de Análise de Discurso da ANPOLL e líder do Grupo de Pesquisa Interinstitucional UNICENTRO-UFPR “Estudos do Discurso: entrelaçamentos teóricos e epistemológicos – GPTD”. <https://orcid.org/0000-0002-5576-2745>.

Le *Vocabulaire de la pandémie du nouveau coronavirus* et la résonance de sens pandémiques en l'absence de pandémie

Résumé

Dans cet article, à partir du mouvement entre l'Analyse du Discours et l'Histoire des Idées Linguistiques, nous nous proposons de réfléchir à la manière dont « après-pandémie » (Dias, 2021), les sens de la pandémie résonnent. En d'autres termes, à partir du *Vocabulaire de la pandémie du nouveau coronavirus*, il est important pour nous de comprendre les sens qui continuent à résonner et à produire des effets dans nos pratiques, dans nos positions-sujets, se constituant comme le « reste » - l'écart, le vide d'explication (Gagnebin, 2008) nécessaire à la compréhension de l'indicible par le langage. Orlandi (2009, p. 9) nous enseigne que « ce qui est dit, une fois dit, devient une chose dans le monde : il prend de l'épaisseur, il entre dans l'histoire ». Dans cette optique, nous avons pris l'entrée « bonheur » pour réfléchir au mot « bonheur », tandis que ce dire qui devient une chose dans le monde et en temps de pandémie prend d'autres contours, mobilise d'autres sens, mais seulement dans l'après-pandémie, les sens pandémiques résonnent à travers ce qui reste comme le « reste » constitutif du langage dans l'histoire, signifiant dans/par le discours, marqué dans/par le mot.

Mots-clés: Vocabulaire; pandémie; sens; résonance des sens; discours.

Recebido em: 23/04/2024 / Aceito em: 08/10/2024

Falta de ar nos gemidos dos ais
A febre, seus fantasmas, seus terrores
Sem pressa, passo a passo, mais e mais
A besta avança pelos corredores
O médico caminha com cautela
Estuda as artimanhas do inimigo
A enfermeira brava vence o medo
Pouco lhe importa a extensão do perigo

O mundo está azaranza, ao Deus dará
O povo não se entrega é cabra-cega
É lá e cá sem lei, sem mais aviso
Só sei que é preciso acreditar

Fazemos todos parte desta história
Mesmo que os tontos blefem com a morte
Num jogo de verdades e mentiras
Um jogo duplo de azar e sorte

A ciência abre as suas asas
A esperança à frente como um guia
Com São João na reza, a pajelança
A intervenção de Xangô na magia

Neste canto aqui da poesia
Casa da fantasia e da razão
Abre-se a porta e entra um novo dia
Pela janela adentro um coração

A voz de um barco a bordo da alvorada
O sol da aurora secando o pulmão
Ano passado se eu morri na estrada
Vai que esse ano não morro mais não

É pra montar no lombo da toada
Desembarcar do trem da pandemia
É pra fazer da rima arredondada
O rompante final de uma alegria
Vamos em frente amigo, vamos embora
Vamos tomar aquela talagada
Vamos cantar que a vida é só agora
E se eu cantar amigo a vida é nada

(“Sob pressão”, Gilberto Gil e Ruy Guerra, 2020).

Primeiras palavras: “Falta de ar nos gemidos dos ais” em um passado ainda presente

Começamos este texto¹ com a letra da canção *Sob pressão*, interpretada pelos mestres Gilberto Gil e Chico Buarque, na ilusão de que o eufemismo poético de seus versos amenizem os nossos sentimentos de horror — ainda vivos — de um passado recente pelo qual ressoam sentidos pandêmicos em nossas práticas, comportamentos e no modo pelo qual nos relacionamos com o depois da pandemia (Dias, 2021). De fato, a pandemia do novo coronavírus nos tomou de assalto em março de 2020. Ela mexeu com nossas estruturas, encharcou “nossas” palavras, bagunçou nossos sentimentos... mais do que isso, cessou vidas...

No Brasil, num batimento entre a omissão e o fazer duvidoso, quem resistiu (ou pode resistir) testemunhou o rastro de destruição causado na/pela pandemia, sobretudo, aquele que atingiu pessoas mais vulneráveis. Nesse cenário, a todo tempo, nos questionamos sobre o devir... sobre o depois da Covid-19, sobre o momento no qual desembarcaríamos “do trem da pandemia”. Depositamos, nesse tempo futuro, o desejo de uma possível solução para o quê vivíamos naquele presente. Estávamos assolados pelo tempo da espera: “A espera da cura. A espera do abraço. A espera do futuro” (Dias, 2021, p. 152) que só viria com a vacina. O tempo, portanto, estava em suspenso uma vez que construíamos memórias do futuro da pandemia.

Enquanto esse futuro não chegava para cessar aquele presente pandêmico, nós, analistas de discurso de vertente materialista, seguimos resistindo “a febre, seus fantasmas, seus terrores” à

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no evento interinstitucional *Primavera de pesquisas no sul: integração entre Brasil e Argentina* (UFSM, UFPR, UNICENTRO, UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES), em 23 set. 2023.

medida que produzíamos ciência da linguagem, o que resultou no *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*², um artefato de leitura que, durante sua construção, nos expôs ao funcionamento polissêmico, contraditório e, também, opaco da linguagem.

Foi nesse cenário que um grupo de 26 pesquisadores, de diversas instituições brasileiras, a saber, UFSM, PUC Minas, UNICENTRO, IFFAR Jaguarí/RS, IFSC Xanxerê/SC, UFPR, UNOCHAPECÓ, UNIPAMPA Bagé/RS, UFFS e UNISC, supervisionados pela professora Verli Petri (UFSM), se propuseram a partilhar a construção de um artefato de leitura que auxiliou, em alguma medida, a sociedade brasileira a compreender a pandemia por uma perspectiva discursiva. Sobre a noção de partilha, nos ancoramos em Jacques Rancière, segundo o qual, “partilha do sensível” é “o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas (Rancière, 2009, p. 15, grifo do autor). Compreendemos que nesse “sistema de evidências sensíveis” cada pesquisador, ao acessar esse sistema, imprimiu sua singularidade, deixou marcada sua posição-sujeito, seja nas discussões teóricas, seja na redação do *Vocabulário* ou na sua revisão textual, seja na diagramação, divulgação ou nas tantas outras etapas desse trabalho. Acreditamos, ainda, que a “partilha do sensível” nos possibilitou a certeza de que “fazemos todos parte desta história” por acreditarmos que à medida que produzíamos conhecimento, enxergávamos “a esperança à frente como um guia”.

A reflexão que propomos não objetiva deter-se ao *Vocabulário*³, mas partimos dele para refletir sobre o ressoar de sentidos pandêmicos em tempos sem pandemia. Entretanto,

2 Como forma de abreviação, utilizaremos *Vocabulário* em substituição ao título *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*.

3 Projeto idealizado e supervisionado pela Prof.^a Dr.^a Verli Petri (UFSM).

vale lembrar que ele segue disponível no *site* do Observatório de Saúde, da UFSM, e pode ser encontrado em duas versões, *e-book* e livro físico, no *site* da Pedro e João Editores. Também é importante sinalizar as várias publicações que assumem o *Vocabulário*, dentre elas, os textos: “Algumas reflexões sobre o Vocabulário da pandemia do novo coronavírus: projeto em curso e discurso” (Petri, 2021) e “Um olhar sobre os diferentes sentidos presentes nos verbetes “educação a distância” e “ensino remoto”: a proposta do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” (Petri; Aguiar, 2023), só para citar algumas referências. Destacamos, ainda, a obra *Ditos e não-ditos: discursos da, na e sobre a pandemia* (Petri, 2021, *et. al.*); a dissertação *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus: uma proposta de análise discursiva sobre a produção e efeitos de sentido das palavras em tempos de emergência sanitária* (Ribeiro, 2024), defendida no PPG-Letras da UFSM; e o livro *Observatório de práticas sociais e linguageiras: produção de sentidos em tempos de pandemia*⁴ (Petri; Rosa; Martins; Krümmel, 2024).

Da posição de analista de discurso, não acreditamos na finalização, aquela demarcada com o uso do ponto final ou acenada com o término de um projeto de pesquisa, algo imposto e que, portanto, somos obrigados a lidar. Preferimos as reticências... entendendo-as como um efeito provisório de fecho. É fato que o *Vocabulário* assumiu o *status* de fim uma vez que o Grupo de Estudos Palavra, Língua, Discurso (PALLIND)⁵ passou a se dedicar a outros projetos de pesquisa, por um lado, e a pandemia do novo coronavírus não é mais uma ameaça latente,

4 Além da versão impressa, a obra está disponibilizada gratuitamente em formato de *e-book* no *site* da Pedro e João Editores. Disponível em: <https://pedroejoaeditores.com.br/produto/observatorio-de-praticas-sociais-e-linguageiras-producao-de-sentidos-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 15 out. 2024.

5 O PALLIND é um grupo de estudos vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras, da UFSM, sob supervisão geral da professora Verli Petri. Disponível em: <https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/ppglettras>. Acesso em: 10 jan. 2024.

por outro. Contudo, temos na materialização desse artefato a possibilidade da continuidade da produção de sentidos que segue nos provocando, nos questionando e nos fazendo olhar para o depois da pandemia. Em outras palavras, o *Vocabulário* segue constituindo efeitos de sentido...

Passada a pandemia (ou a sua fase mais catastrófica), entendemos que as palavras continuam contagiando e produzindo efeitos de sentido. Portanto, é na esteira dessa questão que nos interessa, nesta proposta de estudo, a partir do movimento entre a Análise de Discurso e a História das Ideias Linguísticas, compreender como no “depois da pandemia” (Dias, 2021) ressoam sentidos pandêmicos. Dizendo de outra forma, nos importa compreender o ressoar de sentidos que segue reproduzindo efeitos em nossas práticas, em nossas tomadas de posição-sujeito, constituindo-se como o “resto”, “um hiato, uma lacuna, mas uma lacuna essencial [...]” (Gagnebin, 2008, p. 11). No que diz o filósofo, esse “resto” funda a língua do testemunho como o quê não pode ser dito, pois não alcança o real dos sentidos, ficando sempre uma lacuna, e isso aconteceu com as palavras que adquiriram outros sentidos, mas continuaram sempre incompletas, falhas, lacunares. Os testemunhos são aqueles que sobrevieram e se inscrevem como *terstis*, que se colocam como um terceiro e o *superstes*, quem viveu um acontecimento e pode falar dele, como afirma Agamben (2008). Dado alcance do evento pandêmico, podemos afirmar que os que sobrevieram podem “contar” o vivido, tentando interpretar o evento e pensar no depois, que talvez seja o agora.

No contar “o vivido”, no *Vocabulário*, está a carga de sobreviventes-testemunhas e, nele, há seis verbetes que remetem a sentimentos, são eles, “angústia”, “ansiedade”, “felicidade”,

“medo”, “saúde” e “tédio”. Em nosso gesto interpretativo, compreendemos que há duas possíveis direções de sentidos nas quais esses verbetes podem ser alocados. Considerando a repetibilidade (Indursky, 2011)⁶ que aponta para a negatividade, temos: “angústia”, “ansiedade”, “medo”, “saúde” e “tédio”. Por outro lado, considerando uma rede de sentidos oposta à primeira, temos, apenas, o verbo “felicidade”.

Sabendo da necessidade implicada ao analista de discurso em fazer seleções diante da impossibilidade de saturar os sentidos e tendo em vista que no depois da pandemia, essencialmente, urge a necessidade de olharmos para o lado positivo da vida, posto que “abre-se a porta e entra um novo dia”, para este estudo, assumimos o verbo “felicidade” enquanto observatório do que estamos entendendo como ressoar de sentidos pandêmicos em tempos sem pandemia. Ou seja, passada a pandemia, o que resta⁷ como lacuna, como o indizível no que concerne aos sentidos pandêmicos na palavra “felicidade”? O que (não) se repete? O que constitui o esquecimento e se constitui como memória? Essas questões instigam nossa reflexão.

O acontecimento pandêmico em discurso: “O mundo está azarando, ao Deus dará”

Nada do que foi será
do que jeito que já foi um dia [...]
 (“Como uma onda”, Lulu Santos, 1983).

6 A pesquisadora chama a atenção que a repetibilidade tem relação com o esquecimento, pois quando o sujeito toma a palavra “esquece” que os sentidos existem antes e tem a ver com outros discursos que circularam antes em outros lugares, como nos diz Orlandi (1999) antes do sujeito.

7 O “resto” em Agamben (2008) de acordo com Gagnebin (2008) indica uma lacuna essencial, que impossibilita o falar, seria então o impossível de dizer, como um trauma.

Muitas pandemias já aconteceram e todas elas ocasionaram mortes e sequelas. Mas vale destacar, que depois da pandemia do novo coronavírus, “nada do que foi será”, pois com ela vieram também outras tragédias, tais como o aprofundamento das diferenças entre as classes sociais, quando só uma parcela teve o direito ao “isolamento” – que foi uma catástrofe – mas proporcionou uma certa segurança; a tentativa de desqualificar a ciência e as pesquisas; o deboche do presidente brasileiro⁸ diante de vidas perdidas. Há ainda outras consequências que merecem uma análise mais detalhada, podendo-se destacar uma parte positiva protagonizada por quem conseguiu “se reinventar” por meio de um “jeitinho brasileiro” (Petri; Severo; Lima, 2024) e, assim, dar continuidade ao trabalho que vinha sendo realizado. A parte negativa que precisa ser citada é aquela vivida por aqueles que não puderam continuar seus empreendimentos, ocasionando mais desemprego e mais empobrecimento dos sujeitos vulneráveis que se tornaram mais vulneráveis pela perda de seus empregos, por exemplo. A precariedade dos meios de transportes ganhou visibilidade somente na pandemia, período em que as diferenças entre as classes sociais ganharam notoriedade perceptível a olho nu.

Foi nesse período que o contágio se deu por diversas formas. Nossos sentimentos foram (re)significados de um modo diferente, ou seja, sentir medo na pandemia, por exemplo, resultou em sentidos distintos se o compararmos ao já-vivido de acontecimentos similares em outros momentos sócio-históricos. Para além do contágio do corpo material, que resultou em milhares de vidas perdidas, sobretudo no Brasil, houve o contágio das posições-sujeito, bem como das palavras

⁸ A época pandêmica, o chefe do Executivo era Jair Messias Bolsonaro.

e dos sentidos, movimento pelo qual elas foram encharcadas de sentidos pandêmicos (Orlandi, 2021). Dizendo de outra forma, dada a conjuntura a qual estávamos submetidos, a circulação da linguagem

[...] se tinge das cores da pandemia, se espalha. [...] “contamina” todos os sentidos. Casa vira “abrigo”, lugar seguro; o trabalho em casa, vira funcionalmente “home office”, compra de supermercado é “delivery” [...] Funcionários da saúde, só neste momento, viram “heróis”. Antes não eram, mesmo que pensemos as condições do sistema de saúde no Brasil. “Vulnerabilidade” se substitui a pobreza, mas não só. [...] A palavra “solidariedade” sai para a rua. E, em falta de tratamento adequado ou de vacina, vivemos em “isolamento social”. Às vezes declinado como “distanciamento social”. (Orlandi, 2021, p. 4-5).

Entre a dificuldade da nomeação e o excesso de palavras disponíveis, “tudo se veste de nome e de sentido, metaforizando-se, como efeito da pandemia” (Orlandi, 2021, p. 5), constituindo efeito de que há um “hiato” como lacuna e falta no/do dizer. Frente à relação pandemia e linguagem, o *Vocabulário* despontou como o quê Orlandi (2012) nomeia de artefato de leitura no/pelo qual podemos interpretar discursivamente aquele tempo presente — e seus (e)feitos — quando nos debruçamos sobre algumas dezenas dos verbetes publicados. Nesse cenário da lida com as palavras em tempos de pandemia (Petri, 2021), nos reportamos a Auroux, com quem aprendemos que “se a palavra faz as coisas, ela não o deve a uma performatividade qualquer, mas à sua estrutura material. As palavras são, de fato, coisas entre coisas” (Auroux, 1992, p. 19), coisas a saber (Pêcheux, 2002), coisas em movimento numa relação de nunca acabar (Indursky; Leandro-

Ferreira, 2005)⁹ das palavras com elas mesmas. Nessa direção, referimos à Orlandi, que já na apresentação do livro *A linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso, obra que acaba de completar quatro décadas de existência, sublinha que “aquilo que se diz, uma vez dito, vira coisa no mundo: ganha espessura, faz história” (Orlandi, 2009, p. 9). Nessa orientação, partimos do verbete “felicidade” para colocarmos em suspenso a palavra “felicidade” e seus efeitos de sentidos enquanto esse dito que vira coisa no mundo e em tempos pandêmicos ganham outros contornos, mobilizam outros domínios de memória, mas que no pós-pandemia, ressoam como um “resto”, como o impossível de dizer, constituído pela língua na história, significado no/pelo discurso e marcado na/pela palavra. A palavra “felicidade” significa também pelo que não há nela, já que o sentido não recorre da literalidade, mas de sujeitos, das condições de produção de sua circulação e, arriscamos dizer, também das memórias que retornam e significam no tempo presente, que decorre de tempos pretéritos — que foi e não mais será — como diz a letra da música que constitui os fios dessa nossa escritura.

“Pela janela adentro um coração”: o verbete/a palavra “felicidade” em análise

Haverá um dia
Em que você não haverá de ser feliz
Sentirá o ar sem se mexer
Sem desejar como antes sempre quis [...]
 (“Felicidade”, Marcelo Jeneci, 2010).

9 Essa relação aproxima-se da relação dos analistas de discurso com Michel Pêcheux, tendo sido designada por Indursky e Leandro-Ferreira (2005), no livro que rememora/comemora Pêcheux, publicado em 2005, como um dos resultados do I SEAD (Seminário de Estudos em Análise de Discurso), que se realizou em Porto Alegre no ano de 2004, tendo contado com a histórica participação de Michel Plon, Françoise Gadet e Jean-Jacques Courtine, parte do grupo de trabalho de Michel Pêcheux.

Quando olhamos para o passado ainda presente da pandemia, constatamos que houve dias em que não fomos felizes, mas, contraditoriamente, fomos felizes. Tal afirmação constitui efeitos quando observamos da perspectiva discursiva (colocando em suspenso) as definições do vocábulo “felicidade”, conforme postas no verbete em análise.

**Imagem 1: verbete “felicidade” no Vocabulário
da pandemia do novo coronavírus**

VOCABULÁRIO
da pandemia do novo coronavírus

—FELICIDADE

Felicidade. antes da pandemia, era o estado de espírito de quem está de bem com a vida, podendo ser relacionado à alegria, bem-estar, euforia, tranquilidade, equilíbrio, idealização, positividade, satisfação. **Felicidade.** durante a pandemia, é sobreviver à covid-19, manter o emprego, alimentar a esperança de rever os amigos, sonhar com aglomeração, ser vacinado e ver os amigos/parentes/colegas imunizados, recuperar-se da doença ou ver um familiar/amigo vencer o vírus, estar com a família. **Exemplo:** “A pandemia, e toda a alteração das nossas práticas habituais, nos fez refletir sobre o nosso sistema de valores, de crenças e qual o significado que atribuímos à nossa vida, o que possibilitou a construção de um novo sentido. Esta reavaliação ganhou conotações mais positivas” (G1). É acordar todos os dias, comer, sentir o gosto da comida, respirar. **Exemplo:** “Felicidade do Brasileiro cai em meio a pandemia” (Diário G1). A felicidade também pode estar em assistir a manifestações artísticas e, assim, voltar a rir e gargalhar. **Exemplo:** “Dona Herminia nos fez fugir deste mundo cruel para momentos de muita alegria e risos. Nos deu felicidade” (El País Brasil).

**Fonte: Universidade Federal de Santa Maria
Vocabulário da pandemia do novo coronavírus (2023).**

Nesse verbete, é possível entender como as questões de temporalidade incidiram nas definições de/sobre “felicidade”. Na primeira acepção, é dito que “Felicidade, *antes da pandemia*, era o estado de espírito de quem está de bem com a vida, podendo ser relacionado à alegria, bem-estar, euforia, tranquilidade, equilíbrio, idealização, positividade, satisfação” (Vocabulário, 2023, s. p. grifos nossos); ao passo que “Felicidade, *durante a pandemia*, é sobreviver à covid-19, manter o emprego, alimentar a esperança de rever os amigos, sonhar com aglomeração, ser vacinado e ver os amigos/parentes/colegas imunizados, recuperar-se da doença ou ver um familiar/amigo vencer o vírus, estar com a família” (Vocabulário, 2023, s. p. grifos nossos). O tempo pandêmico do “antes” e do “durante” nos auxilia a compreender “o futuro

em suspensão (depois da pandemia)” (Dias, 2021, p. 155) uma vez que, conforme Richard Barbrook (2009, p. 34), “o futuro é o que sempre foi”. Dito de outra forma, o futuro compreendido como o tempo ligado ao passado e que, por isso, traz consigo, pela via da memória discursiva, aquilo que vai ressoar nas nossas práticas, isto é, em nossas tomadas de posição-sujeito.

Aprendemos com Venturini (2009, p. 256), na obra *Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração*, que “a repetição é um dos mecanismos de institucionalização da memória”, ou seja, é por meio dela que os sentidos passam a integrar o interdiscurso. No escopo da repetição há fragmentos de uma memória, de um já-dito que precisou ser esquecido para ser lembrado. É importante sinalizar que a repetição não se dá de modo ordinário porque está sustentada por uma rede de sentidos, isto é, uma formação discursiva, “não como uma totalidade, e sim como uma repartição de lacunas, de vazios, de ausências, de limites e de recortes” (Courtine, [1981] 2014, p. 49). Portanto, pela repetibilidade ressoam efeitos de sentidos. Entretanto, esse ressoar é lacunar, fragmentado, não volta como totalidade, também não ressoa de qualquer forma, o que possibilita um retorno em parte, oferecendo assim um “resto” que, como já dissemos, é constitutivo da língua na história, significado no/pelo discurso e marcado na/pela palavra como lacuna.

Pensar (n)esse “resto” nos exige refletir sobre o processo de significação, algo histórico e possível de observar pelas lentes da Análise de Discurso. Sobre essa questão, aprendemos com Orlandi que

Do ponto de vista da significação, não há uma relação direta do homem com o mundo, ou melhor, a relação do homem com o pensamento, com a linguagem e com o mundo não é direta assim como a relação entre

linguagem e pensamento, e linguagem e mundo tem também suas mediações. Daí a necessidade da noção de discurso para pensar essas relações mediadas. Mais ainda, é pelo discurso que melhor se compreende a relação entre linguagem/pensamento/mundo, porque o discurso é uma das instâncias materiais (concretas) dessa relação. (Orlandi, 1998, p. 12).

Ou seja, só pelo discurso, compreendemos a relação linguagem/pensamento/mundo/pandemia no entremeio do antes e do depois do evento pandêmico para colocarmos em suspensão o “resto” que (nos) significa após a Organização Mundial de Saúde¹⁰ declarar o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à Covid-19, podendo questionar que lacunas significam nesse não-dizer, nessa falta.

Em consonância à nossa proposta, neste artigo, voltada à análise do ressoar de sentidos pandêmicos em tempos sem pandemia, começamos por dirigir nossa atenção para algumas manchetes noticiosas, publicadas na mídia jornalística brasileira após 5 de maio de 2023. Nesse momento, realizamos uma busca no *Google* a partir do buscador “felicidade+pós-pandemia”, o que resultou nas três materialidades discursivas que trazemos a seguir, as quais chamaremos de texto-imagem.

Começamos nossa análise pelo primeiro texto-imagem, Imagem 2, no qual é encenado o movimento pela felicidade dos trabalhadores, sendo que esse ganhou força nas empresas. Observamos ainda, o dizer “Pandemia e chegada de novas gerações às corporações aceleram onda que promove melhor qualidade de vida no trabalho”.

¹⁰ A OMS fez essa declaração em 05 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em: 5 fev. 2024.

Imagem 2: Movimento pela felicidade dos trabalhadores ganha força nas empresas

Movimento pela felicidade dos trabalhadores ganha força nas empresas

Pandemia e chegada de novas gerações às corporações
aceleram onda que promove melhor qualidade de vida no
trabalho



Fonte: Haddad (2023).

O enunciado que estrutura esse texto-imagem, acima, não significa de modo isolado, mas nas condições de produção anteriores à pandemia e nas condições de produção do tempo presente. Por esse movimento ressoa a felicidade “do antes” e “do depois” desse evento e nas condições estritas, do tempo presente, mais precisamente a partir de março de 2020. Trata-se de um movimento surgido nas grandes cidades brasileiras, que ganhou impulso dentro da chamada “felicidade corporativa” ou a “felicidade do trabalhador”, surgida da psicologia positiva¹¹, desenvolvida pelo psicólogo americano Martin Seligman (Universidade da Pensilvânia).

A psicologia positiva centra-se em estudos científicos e defende que há possibilidade de fomentar a percepção da felicidade, dando origem à psicologia positiva organizacional, que conforme estudo, é anterior à pandemia. Entretanto, antes desse evento esses estudos não eram conhecidos e os efeitos de sentido da felicidade não precisavam ser trabalhados. Essa

¹¹ A psicologia positiva “é uma abordagem científica associada às emoções e reações que visam o bem-estar”. Disponível em: <https://top-of-mind.folha.uol.com.br/2023/10/a-felicidade-e-o-caminho.shtml>. Acesso em: 30 mar. 2024.

necessidade tem a ver com o “resto”, tal como concebido por Agamben (2008), já que é esse “resto”, enquanto furo permaneceu, fazendo-se necessário trabalhar a felicidade dentro da instituição chamada Feliciência.

Compreendemos, a partir da palavra “felicidade”, durante a pandemia, que ela teve sentidos alterados (conforme observamos no verbete em análise, no *Vocabulário*), afastando-se do que dizia respeito a bens materiais, especialmente, para aproximar-se mais da afetividade dando mais importância aos núcleos familiares, desenvolvendo de certa forma uma mudança de concepção do funcionamento do estado de felicidade. Depois da pandemia, entretanto, parece que foi preciso parar nos sentidos de felicidade, trabalhando sobre eles para que os sujeitos voltem a ter bem-estar, entendendo que esse estado de coisas dependem de temporalidades que incluem o passado mais remoto, o passado mais recente e o tempo presente, ressoando a possibilidade de um futuro.

Vale presentificar, ainda, a palavra “corporativa”, pela qual ressoa o trabalho em grupo, reunindo interesses, tanto dos trabalhadores quanto das empresas. Esse efeito de sentido tem a ver com a necessidade e mesmo a possibilidade de os trabalhadores estarem juntos para o bem e para o mal.

As redes parafrásticas que se constituem a partir do enunciado “Movimento pela felicidade dos trabalhadores ganha força nas empresas brasileiras” significa juntamente com “chegada das novas gerações” e faz rede com:

1. *Os trabalhadores das velhas gerações não necessitavam de movimento pela felicidade.*
2. *As novas gerações necessitam de apoio para terem felicidade.*
3. *Movimento pela felicidade dos empresários ganha força nas empresas brasileiras.*
4. *As empresas investem em movimentos pela felicidade para continuarem a ter lucro.*

Nas duas primeiras formulações, 1 e 2, compreendemos a questão da temporalidade contribuindo para uma possível direção de sentido. Enquanto os trabalhadores das velhas gerações dispensavam o movimento da felicidade incidindo no exercício de suas funções trabalhistas, portanto, algo anterior à pandemia de Covid-19, as novas gerações não fazem o mesmo, sobretudo em tempos pandêmicos (bem como, depois dele). O público jovem, inserido no mercado contemporâneo do trabalho, requer as contribuições da psicologia positiva para apoiar (n) o desenvolvimento de suas obrigações trabalhistas.

Nas duas formulações seguintes, 3 e 4, entendemos a palavra “felicidade” inscrita numa formação discursiva capitalista e que por isso poderia, facilmente, ser adjetivada: “felicidade corporativa” ou, ainda, “felicidade empresarial”. Podemos pensar que funciona aí uma “felicidade seletiva”, afinal, nem todos são convocados a significar esse sentimento do mesmo modo no universo do capital. E, ainda, quem tem direito a essa felicidade? Dito de outra forma, sobre qual felicidade estamos falando quando a tomamos num espaço de patrões e funcionários em que há posições-sujeitos distintas, descortinando quem pode e quem pode somente um pouco (quando, na verdade, não pode)? O que vemos na esteira dessas considerações é um embate que envolve língua, pandemia e luta de classes¹² por meio de efeitos de sentidos já-construídos sobre o vocábulo “felicidade”, mas que na pandemia encharcou-se de sentidos pandêmicos, instaurando possibilidades outras de interpretação. Acreditamos que no tempo do pós-evento pandêmico, sentidos de “felicidade corporativa”/“felicidade

12 No texto *Notas sobre o verbete trabalhador essencial*: língua, pandemia, luta de classes (Esteves; Perini; Medeiros, 2021), os autores promoveram uma discussão sobre o verbete “trabalhador essencial” que está inserido na 6ª edição do *VOLP* por meio do projeto *Novas palavras*.

empresarial” continuarão em curso porque há um “resto” que demanda interpretação com vistas à manutenção do discurso sobre a “melhor qualidade de vida no trabalho”.

No texto-imagem seguinte, direcionamos nosso olhar para os dizeres: “Investir em saúde é garantir felicidade” e “Investimentos e estratégias em saúde como solução de bem-estar corporativo são tema do 3º Fórum Melhor RH Felicidade Corporativa”.

Imagem 3: Investir em saúde é garantir felicidade

Home > Eventos > Felicidade Corporativa

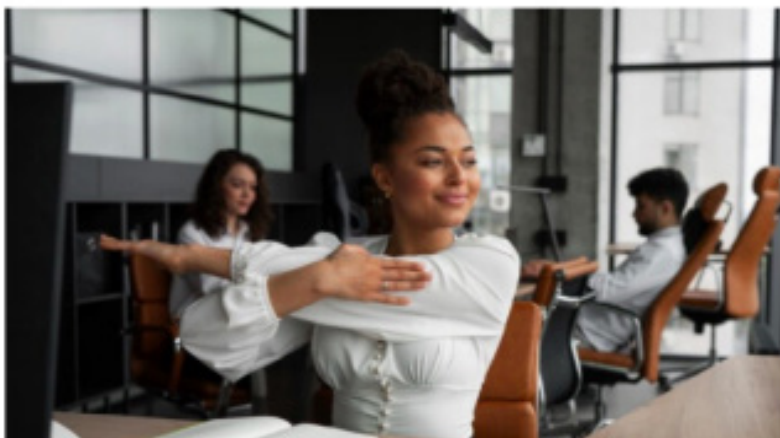
Investir em saúde é garantir felicidade

Investimentos e estratégias em saúde como solução de bem-estar corporativo são tema do 3º Fórum Melhor RH Felicidade Corporativa



Por Da Redação 16/10/2023 - 19:42

AA 0



Fonte: Da Redação (2023).

O 3º Fórum Melhor RH Felicidade Corporativa é um evento promovido pelo CECOM – Centro de Estudos da Comunicação – e Plataformas Melhor RH e Negócios da Comunicação. Assim como essas empresas, o evento mencionado sublinha, desde seu título, sobre qual felicidade se busca entender uma vez que

“promover bem-estar passa por investimentos em cuidados com a saúde do colaborador de forma geral, o que se reflete no clima organizacional, assim como cuidar do clima é forma de contribuir com o *bem-estar do colaborador*, com reflexos em sua saúde” (Da Redação, 2023, grifos nossos).

A forma de nomear, conforme sinalizada em nossos grifos, nos chama a atenção por entendermos que não se trata de uma mera substituição, ou seja, “trabalhador” não se torna “colaborador” sem que haja nos espaços enunciativos nos quais se dá a nomeação uma “disputa incessante” (Guimarães, 2003, p. 54). O deslizamento em questão (nos) convida a interrogar: Quem se beneficia da colaboração do colaborador? Se há um colaborador, quem ocupa a posição de colaborado?

Certamente, não é o trabalhador (domésticas, porteiros, zeladores, vendedores, garis, atendentes, etc.) que recebe a colaboração, uma vez que não é ele quem figura o lugar de colaborado. Durante a pandemia, em especial, foi possível entender como o capitalismo descortinou uma de suas faces: para uns coube a preocupação de oferecer “felicidade corporativa”/“felicidade empresarial”, já para muitos, restou “ser feliz” para seguir colaborando. O que temos aí é um abismo de sentidos no qual privilegiam-se uns em detrimentos de (tantos) outros. Assim, a formulação “colaborador” atrelada à (garantia de) felicidade joga com o fato de que a produtividade da mão de obra deve estar conjugada à felicidade do colaborador. Logo, colaborador feliz produz mais a serviço do capital.

De acordo com nosso gesto interpretativo, temos nesse texto-imagem analisado a chancela de uma compreensão que constitui evidências de que pelos enunciados “felicidade corporativa”/“felicidade empresarial” ressoam efeitos de

sentidos na pandemia e que continuam estabilizados no mundo do capital pós-pandêmico, o que possibilita compreender a divisão de classes que causa a divisão na língua.

Por fim, passamos ao último texto-imagem, direcionando nosso olhar para os dizeres: “Com ‘disciplina da felicidade’, escola de São Carlos reduz problemas psicológicos de alunos” e “Iniciativas como essa podem estar no 2º Fórum ‘Diálogos da Educação’, do grupo EP”.

Imagem 4: Com ‘disciplina da felicidade’, escola de São Carlos reduz problemas psicológicos de alunos

**Com 'disciplina da felicidade',
escola de São Carlos reduz
problemas psicológicos de alunos**

'Felicidade de Ser' trabalha a educação socioemocional dos estudantes dos ensinos
fundamento e médio. Iniciativas como essa podem estar no 2º Fórum 'Diálogos da Educação',
do grupo EP.

Por Rebeca Branco. EPTV1

12/05/2023 13h52 - Atualizado há 10 meses



Fonte: Branco (2023).

Pensar (n)a felicidade, enquanto conteúdo ensinado nas escolas por meio da chamada “educação socioemocional”, nos convoca à reflexão desenvolvida por Marcia Ione Surdi e Heitor Pereira de Lima, em que os autores dedicaram atenção aos sentidos da palavra “educação”, presente (ou não) nos verbetes do *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*. Segundo eles:

[...] ao que nos parece, independentemente do período sócio-histórico, com ou sem pandemia, e das nuances de sentidos, te(re)mos uma educação funcionando a partir de/com efeitos de pré-construído da desvalorização, ou melhor, da valorização das classes dominantes. Durante o período de escolas fechadas, era comum que muitos professores, em tom de denúncia, afirmassem:

“Somente a educação salvará o mundo”. Enquanto sujeitos-professores, concordamos com tal afirmação. Entretanto, acrescentamos a seguinte ressalva: *qual educação salvará o mundo? A bancária? Aquela que continuará privilegiando ideologias burguesas?* (Surdi; Lima, 2024, p. 90, grifos nossos).

É fato que alunos felizes conseguem se desenvolver mais e melhor nos estudos. Também é fato que a pandemia provocou um modo diferente de nos relacionarmos com os sentimentos¹³, o que demanda uma atenção especial. Entretanto, e a partir do texto-imagem em análise, (nos) questionamos, ainda, sobre qual felicidade está sendo ensinada/transmitida? Sabe-se que a escola, bem como a educação brasileira, está a serviço de um projeto capitalista que instrumentaliza/prepara mão de obra para seguir servindo às classes dominantes. Não à toa, “quando se trata da educação enquanto aquela que determina, governa e disciplina, (só) há desafio. Contudo, quando tratamos da educação, especialmente aquela que se pratica no chão da escola, conforme se preocupou Paulo Freire, há tantos problemas e dificuldades” (Surdi; Lima, 2024, p. 91). Nosso incômodo acentua-se quando vemos que as iniciativas para a “disciplina felicidade” é pauta de discussão em um evento – 2º Fórum ‘Diálogos da Educação’ – organizado por um grupo empresarial – Grupo EP¹⁴ – constituído por redes de televisão regional brasileira e que, portanto, mobiliza sentidos próprios sobre educação.

Dizendo de outra forma para concluir, a felicidade ensinada/transmitida na escola, sob o pretexto de sanar as mazelas dos alunos, provocadas pela pandemia, é mesma que, mais tarde,

¹³ Por uma questão teórico-metodológica, não assumimos os verbetes “angústia”, “ansiedade”, “medo”, “saúde” e “tédio”, tal como estão postos no *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*. Contudo, indicamos a leitura desses verbetes (bem como do Vocabulário na íntegra) dada a possibilidade de compreensão sobre o modo que esses sentimentos foram (re)significados a partir do evento pandêmico.

¹⁴ Disponível em: <https://www.empresaspioneiras.com.br/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

após o jovem estudante ser tornar um adulto trabalhador, e ser “condenado” a permanecer inscrito na posição de colaborador que merece praticar e vivenciar a “felicidade corporativa”/“felicidade empresarial” para exercer suas funções do trabalho, entendendo que ao contrário do que se tem por “corporativa” essa prática vale somente para o lado do dominador.

Os três texto-imagens que assumimos em nossa análise apontam para a relação pandemia/trabalho/felicidade, que sofreu alteração de sentidos dado o evento que nos assolou desde março de 2020 e no pós-pandemia seguiu produzindo sentidos pandêmicos. Nessa direção, observamos que ressoam no tempo do hoje sentidos distintos para felicidade: para uma parcela social fica a tarefa de ensinar esse sentimento a partir das diretrizes do mundo corporativo; para uma massa de sujeitos-à-margem, fica o dever de apreender essa tal felicidade.

Últimas palavras (por ora): “Vamos em frente amigo, vamos embora”

Existe um único lugar onde o ontem e o hoje se encontram e se reconhecem e se abraçam, e este lugar é o amanhã (Galeano, 2019, p. 133).

O amanhã mencionado por Galeano, na epígrafe que abre esta última seção do texto, pode ser compreendido como o “hoje” do tempo presente. O hoje do abraço possível, da vacina (e suas doses de reforço) aplicada no braço do brasileiro, o hoje da aglomeração sem a necessidade do intermédio tecnológico, mas também o hoje que conjuga o passado para significar em nossas práticas e se apresentar enquanto um “resto” que seguirá ressoando por ser constitutivo do interdiscurso.

Podemos concluir este estudo, sinalizando, portanto, que a felicidade antes da pandemia se ligava mais a bens materiais e ao que os sujeitos podiam adquirir e, durante a pandemia, diante do sofrimento, das mortes de familiares e de amigos, da perda de empregos e das falências, a felicidade, como está indicado no *Vocabulário*, sofreu alteração em seus efeitos de sentidos, enquanto prática social. Houve, ainda, um certo retorno dos sujeitos às práticas mais humanizadas e solidárias. Nesse tempo de “reclusão”, os sujeitos puderam voltar mais para o lado humano e humanizante, já que dinheiro e posição social foram insuficientes para preservar a vida.

No tempo presente, sem pandemia, parece-nos que nem tudo voltou ao antes desse evento e nem a solidariedade havida durante o surto retornou. O “resto” entre um tempo e outro parece contemplar a insegurança, que não pode ser explicada e que escapa do que “pode” a palavra em (dis)curso. Esse efeito de falta, de lacuna constitui-se pelos/nos enunciados analisados: os trabalhadores precisam de movimentos em prol da felicidade, alargando-se mais uma vez os sentidos.

Parece que ser feliz depende de fatores externos e não mais de sujeitos e do que os constitui em relação ao outro e ao grande Outro. A felicidade deixou de ser uma prática e as crianças precisam aprender sobre a felicidade, os cientistas precisam pesquisar e encontrar fórmulas para que haja felicidade.

E para finalizar (com felicidade), fazemos coro ao canto de Gilberto Gil e Chico Buarque: “vamos em frente amigo, vamos embora”, a pandemia acabou! (mas, os sentidos pandêmicos seguem...). Desses/nesses sentidos ressoa aquele “resto”, inexplicável, indizível, que escapa ao representável, discursivizável. É impossível dizer sobre tanto sofrimento,

tantas mortes, tantas sequelas... Vamos, é preciso CONTINUAR e sublimar o “resto”, buscando engravidá-lo de esperança de modo que deixe de “resto” e seja FELICIDADE.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)* Tradução: Silvino Assmann. São Paulo: Editora Boitempo, 2008.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

BARBROOK, Richard. *Futuros imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global*. São Paulo, SP: Peirópolis, 2009.

BRANCO, Rebeca. *Com ‘disciplina da felicidade’, escola de São Carlos reduz problemas psicológicos de alunos*, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2023/05/12/com-disciplina-da-felicidade-escola-de-sao-carlos-reduz-problemas-psicologicos-de-alunos.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2024.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos [1981]*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

DA REDAÇÃO. *Investir em saúde é garantir felicidade*, 2023. Disponível em: <https://portaldacomunicacao.com.br/2023/10/investir-em-saude-e-garantir-felicidade/>. Acesso em: 10 fev. 2024.

DIAS, Cristiane Costa. Memórias do futuro da pandemia: o tempo em suspenso. In: PETRI, Verli. (org.). *et al. Ditos e não-ditos: discursos da, na e sobre a pandemia*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva; PERINI, Rudá;

MEDEIROS, Vanise. Notas sobre o verbete *trabalhador essencial*: língua, pandemia, luta de classes. In: PETRI, Verli. (org.). *et al. Ditos e não-ditos*: discursos da, na e sobre a pandemia. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apresentação. In AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III) Tradução: Silvino Assmann. São Paulo: Editora Boitempo, 2008.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

GIL, Gilberto; GUERRA, Ruy. *Sob pressão*, 2020. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/sob-pressao/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

GUIMARÃES, Eduardo. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. *Revista Letras*, Santa Maria, n. 26, p. 53-61, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11880>. Acesso em: 20 mar. 2024.

HADDAD, Naief. *Movimento pela felicidade dos trabalhadores ganha força nas empresas*, 2023. Disponível em: <https://top-of-mind.folha.uol.com.br/2023/10/a-felicidade-e-o-caminho.shtml>. Acesso em: 10 fev. 2024.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs). *Memória, história na/da Análise de Discurso*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011, p. 67-89.

INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. (org.). *Michel Pêcheux e a Análise de Discurso*: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Clara Luz, 2005.

JENECI, Marcelo. *Felicidade*, 2010. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/marcelo-jeneci/1524699/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso*: princípios e procedimentos. 12. ed. São Paulo, Campinas: Pontes Editores, 1999.

ORLANDI, Eni. *Discurso e leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni. Paráfrase e polissemia: a fluidez dos sentidos nos limites do simbólico. Campinas/SP: *Revista Rua*, Campinas, LABEURB, n. 4, p. 9-19, 1998.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Orlandi. 3 ed. Campinas: Pontes Editores, 2002.

PETRI, Verli. (org.). *et al. Ditos e não-ditos*: discursos da, na e sobre a pandemia. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PETRI, Verli. Algumas reflexões sobre o “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus”: projeto em curso e discurso. *In*: PETRI, Verli. (org.). *et al. Ditos e não-ditos*: discursos da, na e sobre a pandemia. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PETRI, Verli; AGUIAR, Maiara Albuquerque de. Um olhar sobre os diferentes sentidos presentes nos verbetes “educação a distância” e “ensino remoto”: a proposta do Vocabulário da pandemia do novo coronavírus. *Revista de Estudos Acadêmicos de Letras*, v. 16, n. 1, p. 1-12, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reactl/article/view/11662/7950>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PETRI, Verli; ROSA, Marluza da; MARTINS, Taís; KRÜMMEL, Elivélton. *Observatório de práticas sociais e languageiras*: produção de sentidos em tempos de pandemia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024, 372p.

PETRI, Verli; SEVERO, Robson; LIMA, Heitor Pereira de. *A expressão “jeitinho brasileiro” e o verbete “reinvenção”*: entre a língua e a exterioridade na pandemia do novo coronavírus. *In*: PETRI, Verli; ROSA, Marluza da; MARTINS, Taís; KRÜMMEL, Elivélton. *Observatório de práticas sociais e*

linguageiras: produção de sentidos em tempos de pandemia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024, 372p.

PETRI, Verli; SURDI, Marcia Ione; SEVERO, Robson. (org.). *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 118p.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. 72p.

RIBEIRO, Gabriela. *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*: uma proposta de análise discursiva sobre a produção e efeitos de sentido das palavras em tempos de emergência sanitária. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/31743>. Acesso em: 30 mar. 2024.

SANTOS, Lulu. *Como uma onda*, 1983. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/lulu-santos/biografia/>. Acesso em: 21 jan. 2024.

SURDI, Marcia Ione; LIMA, Heitor Pereira de. *Efeitos de sentido da palavra “educação” em verbetes do “Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus”*. In: PETRI, Verli; ROSA, Marluza da; MARTINS, Taís; KRÜMMEL, Elivélton. *Observatório de práticas sociais e languageiras*: produção de sentidos em tempos de pandemia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024, 372p.

VENTURINI, Maria Cleci. *Imaginário urbano*: espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009. 280p.

VOCABULÁRIO da pandemia do novo coronavírus. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023. Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 2 ago. 2023.